

Questões sobre o território (II): os múltiplos olhares da geografia brasileira em Rogério Haesbaert

ENTREVISTADO: PROF. DR. ROGÉRIO HAESBAERT DA COSTA^A

ENTREVISTADOR: LUCAS LABIGALINI FUINI^B

^a Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF), doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorado pela Open University.

^b Professor do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), campus de São João da Boa Vista, doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus Rio Claro, com pós-doutorado pela Unesp, campus Presidente Prudente.
E-mail: lucasfuini@yahoo.com.br

1) Nome completo, titulação, filiação institucional.

Rogério Haesbaert, doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado na Open University, Inglaterra, professor associado da Universidade Federal Fluminense (UFF).

2) Atividades acadêmicas atuais (publicações, grupos de pesquisa, pós-graduação).

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF

Grupo de pesquisa:

Núcleo de Estudos sobre Regionalização e Globalização (registrado no CNPq desde 1994)

Publicações¹:

Último livro – *Viver no limite: território e multi/trans-territorialidade em tempos de in-segurança e contenção* (2014)

Atividades em pós-graduação:

Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF (Niterói, RJ), Pós-Graduação em Geografia (*Políticas Ambientales y Territoriales*) da Universidad de Buenos Aires (Argentina), professor visitante em pós-graduações da Open University (Inglaterra), Université Toulouse-Le Mirail (França), Universidad de Tucumán (Argentina),

Universidad de Antioquia (Colômbia), Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias (México).

3) Como você define o território e como dimensiona sua importância nos estudos geográficos?

É muito difícil sintetizar na forma de resposta a uma pergunta a definição de território e, mais ainda, comentar a sua importância para os estudos geográficos. Somente uma releitura dessa construção teórico-conceitual ao longo do tempo permitiria compreender de modo mais profundo essa conceituação. Numa síntese muito apressada, porém, sujeita a simplificações, começaria por lembrar que a conceituação de território que elaborei foi construída a partir de uma base empírica muito clara: o espaço de migração dos “gaúchos” (sulistas) no interior do Brasil, especialmente na região oeste da Bahia, que resultou em minha tese de doutorado, publicada como livro com o título *Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste* (1997).

Nessa pesquisa, eu percebi o território como algo processual, dinâmico, destruído (ou “perdido”) e reconstruído ao longo de um processo migratório. Toda migração constitui um grande laboratório para entender as dinâmicas de des-reterritorialização. No caso dos “gaúchos”, apesar da sua diversidade em termos de classes sociais e condição etária, de gênero, religiosa ou mesmo étnica (descendentes de italianos, alemães, portugueses...), revelou-se fundamental em sua migração a coesão cultural manifestada pela força da cultura gaúcha, revivida através de instituições

¹ Ver currículo Lattes em <http://bit.ly/2VKwHpA>.

como o Movimento Tradicionalista Gaúcho e seus centros de tradições. Isso não quer dizer que todo grupo migrante tenha na referência identitária um elemento decisivo em sua territorialização (ou, em outras palavras, em seu “empoderamento”), mas no caso dos sulistas essa dimensão simbólico-cultural revelou-se fundamental, aliada ao poder político-econômico, principalmente para as classes hegemônicas, sempre investindo em grandes propriedades e preocupadas em manter o poder político, pelo menos localmente (daí a importância da criação de novos municípios e, em alguns casos, até mesmo de estados).

Essa experiência com a des-reterritorialização dos “gaúchos” serviu de clara inspiração para trabalhos teóricos de maior fôlego, como os livros *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade* (2004 – com edição mexicana, em espanhol, de 2011) e *Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção* (2014). No primeiro a inspiração filosófica mais evidente foi em torno de Deleuze e Guattari, com seus “teoremas” da desterritorialização, e Henri Lefebvre que, mesmo utilizando muito mais a “categoria” espaço do que o conceito de território, traz contribuições fundamentais no que se refere à produção do espaço social. Acabei tomando por base suas concepções de apropriação e dominação do espaço para, a partir de uma releitura desses processos pela ótica das relações de poder – numa concepção bastante ampla que vai muito além do poder jurídico-político do Estado e inclui a força contemporânea do poder simbólico –, propor um conceito relacional de território (mais como processo do que como resultado), território que tanto pode ter uma configuração clássica, mais zonal, como a dos territórios político-administrativos estatais, quanto uma configuração mais reticular, os “territórios-rede”, como aqueles das grandes corporações transnacionais e de certas diásporas de migrantes. Destacando sempre a profunda diferença entre a des-reterritorialização dos migrantes conforme suas classes sociais: um grande executivo de uma empresa transnacional, por exemplo, que frequenta sempre o mesmo padrão de territórios dentro de seu grande território-rede (que, por sua vez, molda sua multiterritorialidade – mais funcional do que simbólica), e um migrante pobre em diáspora que recorre a suas redes de solidariedade e sua identidade cultural para garantir o mínimo de condições de sobrevivência.

A concepção de território, assim, estender-se-ia ao longo de um contínuo entre os territórios de caráter mais funcional (como o das grandes corporações transnacionais) até aqueles mais carregados de simbolismo (como no caso

dos chamados povos tradicionais), admitindo-se, numa das extremidades desse contínuo, a possibilidade da existência de territorialidade (enquanto dimensão simbólica), mas não obrigatoriamente a de território (materializado), como no caso da Terra Prometida dos judeus antes da criação do Estado de Israel. Mais recentemente, em trabalhos que reúno e reestruturo em *Viver no limite*, inspirado em Michel Foucault (que já aparece, mas de forma secundária, n’*O mito da desterritorialização*), propus analisar um outro universo empírico, a construção de novos muros (tanto intraurbanos – nas favelas do Rio de Janeiro – quanto em fronteiras internacionais). A partir daí, elaboro a conceitualização de contenção territorial, amplamente associada a uma modalidade contemporânea de poder, o biopoder, e que envolve aquilo que Foucault denomina, num conceito renovado, de controle da “população” (neste caso, especialmente a sua mobilidade). Conjugado a esses processos de contenção territorial dos grupos subalternos, encontramos dinâmicas de contornamento territorial dessas barreiras que, de uma forma mais complexa, podem desenhar um constante trânsito entre territórios, às vezes como condição para a reprodução social – podendo, assim, ser tratado também como transterritorialidade.

4) Quais são suas principais influências teóricas para a discussão do território?

São várias influências, pois mesmo não considerando diretamente as propostas de alguns autores, a simples problematização dessas propostas já representa uma condição indispensável para a elaboração de nossa conceitualização. Essas influências começam pelos autores clássicos da Geografia, Friedrich Ratzel e, principalmente, Jean Gottmann, especialmente em sua distinção entre território como abrigo (dominante entre grupos subalternos) e território como recurso (predominante, poder-se-ia afirmar, entre os grupos hegemônicos).

Fora da Geografia, os filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari (e seu debate sobre a desterritorialização) e Michel Foucault (embora este muito mais por sua discussão sobre o poder do que pelo uso – bastante questionável – que faz do termo território).

Autores da Geografia anglo-saxônica, como Robert Sack (com influências weberianas) e, mais recentemente, Stuart Elden (grande leitor de Foucault), também são referências obrigatórias para quem debate o território. Na Geografia de língua francesa, com maior repercussão

no Brasil do que a anglo-saxônica, a influência mais importante foi sem dúvida a de Claude Raffestin. Sua famosa tríade TDR (territorialização-desterritorialização-reterritorialização) foi decisiva, juntamente com a leitura de Deleuze e Guattari, para a construção de uma leitura relacional do território.

Finalmente, entre os autores brasileiros, divergindo ou concordando, é impossível não passar pela discussão com Milton Santos, o principal responsável pela difusão do conceito de território no Brasil (mais detalhes dessa influência em âmbito pessoal na próxima questão).

5) Quais são os principais geógrafos brasileiros e estrangeiros na análise do território? Eles influenciaram sua obra?

Brasil: Milton Santos, Marcelo Lopes de Souza, Antonio Carlos Robert de Moraes, Marcos Saquet e, acredito, meu próprio trabalho – já que hoje, especialmente com a edição de *O mito da desterritorialização* em espanhol (já na 2ª edição), as ideias também têm sido discutidas em vários contextos latino-americanos (especialmente em universidades da Argentina, México e Colômbia, onde tenho proferido palestras e cursos). Milton Santos inspirou-me em vários debates. Fui seu bolsista-pesquisador durante meu mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e ele participou de minha qualificação de doutorado, além de ter feito um generoso prefácio para o livro *Des-territorialização e identidade*. Embora tenha discordâncias em relação à sua abordagem muito genérica de território, que chega a se confundir (explicitamente) com “espaços”, sua interlocução foi fundamental para a reelaboração de algumas de minhas proposições. Também a interlocução com o geógrafo e amigo Marcelo Lopes de Souza foi importante, principalmente nos anos 1990, o que pode ser evidenciado quando da publicação de nossos trabalhos na coletânea *Geografia: conceitos e temas* (CASTRO; GOMES; CORRÊA, 1995).

No exterior: embora eles trabalhem diretamente mais com outros conceitos, recebi influência mais direta de Doreen Massey e Jacques Lévy (supervisor de meu doutorado durante a bolsa-sanduíche no Instituto de Ciência Política de Paris que, mesmo criticando sua distinção demasiado clara entre território e rede, me auxiliou no reconhecimento das lógicas zonal e reticular). O diálogo com Doreen Massey (supervisora de meu pós-doutorado

na Open University, Inglaterra) foi fundamental. Esse diálogo resultou no recente artigo “Global sense of place and multiterritoriality” (traduzido para “Sentido global de lugar e multiterritorialidade” em *Viver no limite*, 2014, p. 88-102), publicado como capítulo da coletânea em sua homenagem *Spatial politics: essays for Doreen Massey* (FEATHERSTONE; PAINTER, 2013).

6) Cite as leituras fundamentais para aquele que pretende aderir à abordagem geográfico-territorial.

Os geógrafos já citados, em distintas linhas teóricas, entre outros:

Clássicos – Friedrich Ratzel (diversos, incluindo *Geografia política*, 1897), Jean Gottman (*The significance of territory*, 1973), Torsten Malmberg (*Human territoriality: survey of behavioural territories in man, with preliminary analysis and discussion of meaning*, 1980), Robert Sack (*Human territoriality: its theory and history*, 1986), Claude Raffestin (*Por uma geografia do poder*, 1980).

Também – Guy Di Méo (*Géographie sociale et territoires*, 1998) e Stuart Elden (*The birth of territory*, 2013).

E fora da Geografia – Paul Allières (*L'invention du territoire*, 1980), Michel Foucault (*Segurança, território, população*, 1978), Gilles Deleuze e Felix Guattari (*Mil platôs*, 1980, e *O anti-Édipo*, 1972).

7) Qual é sua avaliação sobre a (re)emergência do território na explicação dos fenômenos socioespaciais em detrimento de outros conceitos também tradicionais da Geografia, como espaço, paisagem e região?

Sobre essa complexa relação entre o conceito de território e os demais conceitos geográficos, recomendo o primeiro capítulo de *Viver no limite* (2014), onde desenvolvo a proposta de uma “constelação geográfica de conceitos”. Sobre o domínio do conceito de território nas geografias “latinas”, ver o artigo já citado do diálogo com Doreen Massey, bem como outros capítulos da primeira parte do livro *Viver no limite*.

8) Como é possível aplicar sua abordagem territorial em estudos de caso? Apresente-nos alguns exemplos ou indique algum texto em que tais estudos aparecem.

Ver minha tese de doutorado (tornada livro): *Des-territorialização e identidade: a “rede gaúcha” no Nordeste* (1997) e meu trabalho (capítulo) sobre os muros do Rio de Janeiro, “Cidade vigiada, cidade i-mobilizada: Rio de Janeiro do *Big Brother* aos novos muros” (em *Viver no limite*, 2014, p. 229-270). Em relação ao conceito de multiterritorialidade, analiso-a em relação à estratégia da Al Qaeda (HAESBAERT, 2002). Além disso, há diversos trabalhos de pós-graduação que fizeram bom uso ou que dialogaram com meus conceitos de território e multiterritorialidade em relação a questões empíricas específicas – ver, por ex., Marcos Mondardo, que também trabalhou com o conceito de transterritorialidade em relação à migração gaúcha no Mato Grosso do Sul, e com quem tenho artigo conjunto (HAESBAERT; MONDARDO, 2010).

REFERÊNCIAS

- CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- FEATHERSTONE, D.; PAINTER, J. (ed.). **Spatial politics**: essays for Doreen Massey. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2013.
- HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade**: a rede gaúcha no Nordeste. Niterói: Eduff, 1997.
- HAESBAERT, R. A multiterritorialidade do mundo e o exemplo da Al Qaeda. **Revista Terra Livre**, São Paulo, ano 18, v. 1, n. 18, p. 37-46, 2002. Disponível em: <http://bit.ly/2Iox5Ch>. Acesso em: 5 mar. 2020.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, R. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- HAESBAERT, R.; MONDARDO, M. Transterritorialidades e antropofagia: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileira latino-americana. **GEographia**, Niterói, v. 12, n. 24, p. 19-50, 2010. Disponível em: <http://bit.ly/2vHADwH>. Acesso em: 5 mar. 2020.